

# O depoimento de um paciente da doutora Marie-France

Consultei a doutora Marie-France Hirigoyen quando o sucesso de seu primeiro livro, *Assédio Moral*, repercutiu muito na imprensa francesa. Ela recomendou para o meu caso: "Reaja ou se demita". Reagi escrevendo este texto que circulou apenas na internet e que agora é publicado. O nome do personagem foi cortado por ter perdido qualquer importância.

Quando nos conhecemos, num jantar em Nova York, meu novo chefe foi dizendo: "Você é o nosso melhor correspondente". Mas logo ele iniciou um perverso processo para me tirar dos Estados Unidos.

Quando nos reencontramos em 1998, num novo emprego, ele em São Paulo e eu em Paris, trocamos dois e-mails: "Nosso homem em Paris", ele tituló o primeiro. E ao se tornar de novo meu chefe, mandou o segundo: "Conto contigo". Mas logo começou a me boicotar, excluir e humilhar, perseguindo a minha demissão.

Qualquer chefe tem o poder de demitir quem não queira. Mas torturar, não. A dose dupla de tortura de que fui vítima me levou à pesquisa de um fenômeno no mundo do trabalho batizado de *bullying* (tiranizar), na Inglaterra; *mobbing* (molestar), nos Estados Unidos; *harcèlement moral* (assédio moral), na França; e *murahachibu* (ostracismo social), no Japão. Algumas vítimas se matam. Outras são tratadas com antidepressivos ou tranquilizantes. Muitas pedem demissão e renunciam a direitos de indenização, dando a vitória ao *bully*, o tirano. E há as que resistem.

A primeira pessoa a denunciar a tirania nas relações de trabalho foi uma jornalista inglesa, Andrea Adams. Ela escreveu dois documentários para a BBC Rádio 4, de Londres, que provocaram uma enxurrada de cartas de ouvintes. A inesperada repercussão a levou a publicar um livro, *Bullying At Work*, em 1992. Até alguns dias antes de morrer, com câncer, em 1995, ela fez campanha para tornar o psicoterrorismo no trabalho um delito como o assédio sexual.

"Ir ao trabalho é como entrar na jaula de um animal imprevisível

para enfrentar outra semana de crucificação profissional", disse Adams em seu último discurso, num sindicato, em maio de 1994. Um drama clandestino sofrido por um mínimo de 12 milhões de europeus, segundo uma pesquisa pioneira da Organização Internacional do Trabalho, em 1996, e pela média de 2 milhões de americanos por ano, incluindo assaltos contra taxistas, na estatística de 1998 do Departamento de Justiça dos Estados Unidos. No Japão, uma experiência telefônica, a "bullying hot-line", atendeu a 1.700 consultas só em um mês. Como o poder de um tirano se mantém pelo medo que cala suas vítimas, impossível medir o fenômeno em escala mundial.

Há inúmeras formas de tyrannizar um empregado. Adams as resumiu em alguns exemplos: marcar tarefas com prazos impossíveis; passar alguém de uma área de responsabilidade para funções triviais; tomar crédito por idéias de outros; ignorar ou excluir um

funcionário só se dirigindo a ele através de terceiros; segurar informações; espalhar rumores maliciosos; criticar com persistência; e subestimar esforços. O processo é lento. As agressões, sutis. As reclamações serão interpretadas como choque de egos, atribuídas a uma nova forma de administração, à reorganização, reengenharia, ou rejeitadas. Não há lei que não a do mais forte.

Uma psiquiatra francesa, Marie-France Hirigoyen, escreveu o livro *Le harcèlement moral (O assédio moral): La violence perverse au quotidien (A violência perversa no cotidiano)*. Os cinco mil exemplares da primeira edição

esgotaram-se rapidamente. Outros 60 mil, em seguida. O livro foi lançado em português, pela Editora Bertrand Brasil, depois de traduzido para 12 idiomas. A revista *Le Nouvel Observateur* consagrou-lhe uma capa: "Esses colegas e patrões que o deixam louco". Os colegas entram no título como cúmplices: temem pelo emprego. Quem for solidário com uma vítima poderá se tornar a próxima.

Hirigoyen traça o perfil do tirano. É um "narcisista perverso", que acha o próprio equilíbrio descarregando em outro a dor que não consegue sentir e as contradições internas que se

recusa a perceber. Uma sanguessuga: procura fora de si a substância para sua vida. Tem um senso grandioso da própria importância. Vive absorvido em fantasias de sucesso ilimitado e de poder. Pensa ser especial e único. Precisa muito de admiração. Acha que tudo lhe é devido. Inveja o outro. Comporta-se com arrogância. Explora todas as relações

interpessoais. E posa de referência, de padrão do bem, do mal e da verdade.

- As vítimas são impotentes? Nada podem fazer? - perguntei a Hirigoyen.

- Elas têm de aprender a se proteger, a dizer não - respondeu.

- Mas, como? Com o desemprego em alta?

- Há um momento em que a opção é a saúde mental ou o emprego. Tenho uma paciente que se demitiu para preservar sua personalidade.

- A vítima fica só, sem a solidariedade dos colegas...

- Solidariedade não existe, é cada um por si.

"Aqueles que podem, podem.

Os que não podem, tiranizam" - proclama na internet o *Bully OnLine* ([www.successunlimited.co.uk](http://www.successunlimited.co.uk)), criado por Tim Field, autor do *Bully in Sight (Tirano na Mira)*, guia que ensina a prevenir, resistir e combater o assédio moral no trabalho. Ele acrescenta atributos ao mais comum dos tiranos, os que praticam *serial bullying*, a destruição em série de empregados. É vingativo, quando só, mas inocente, diante de testemunhas. Médico e monstro, como Jekyll & Hyde. Mente compulsiva e convincentemente. E torna-se agressivo, se chamado à responsabilidade.

Só existe legislação para proteger as vítimas de assédio moral na Suécia, Alemanha, Itália, Austrália e Estados Unidos. A Organização das Nações Unidas (ONU) anexou à Declaração dos princípios fundamentais de justiça uma nova e abrangente definição de vítima. "Vítimas são as pessoas que, individual ou coletivamente, sofreram um dano à sua integridade física ou mental, um sofrimento moral, uma perda material, ou uma ofensa grave a seus direitos fundamentais, como consequência de atos ou de omissões que ainda não constituem violação da legislação penal nacional, mas que representam violações de normas dos direitos do homem reconhecidas internacionalmente." Hirigoyen encoraja vítimas de *harcèlement* "a virem a público" - para ela uma poderosa forma de levar a Justiça a uma tomada de consciência, como no assédio sexual.

Por enquanto, as vítimas brasileiras da guerra de nervos no trabalho estão perdidas. Um chefe pode abusar do poder impunemente. Ou o empregado se submete à lenta destruição por golpes mesquinhos e covardes, que acabam acertando toda a sua família, ou vai embora. "O silêncio e o vazio cercam aos poucos a pessoa visada", diz Hirigoyen. "Às vezes, a solidão é tal que vira rápido um drama." Mas ela pergunta à "sociedade cega diante desta forma indireta de violência": - Não nos tornaremos cúmplices, por indiferença?

## Como tyrannizar um funcionário

O processo do assédio moral no trabalho é lento, com agressões sutis. Veja exemplos de como as implicações de um chefe podem enlouquecer um empregado:

- Marque tarefas com prazos impossíveis
- Passe alguém de uma área de responsabilidade para funções triviais
- Tome crédito por idéias de outros
- Ignore ou exclua um funcionário, só se dirigindo a ele através de terceiros
- Segure informações
- Espalhe rumores maliciosos
- Critique com persistência
- Subestime esforços